

AS ESPECIFICAÇÕES DOS VALORES SEMÂNTICOS DA CONSTRUÇÃO *ACONTECE QUE* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Priscilla Hoelz Pacheco

Orientadora: Nilza Barrozo Dias

Mestranda

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar os diferentes valores semânticos da construção *acontece que* no discurso, na sincronia do português brasileiro contemporâneo. Partimos do pressuposto que, após processo de construcionalização gramatical, a estrutura *acontece que* deixa de funcionar como oração matriz de uma construção encaixada subjetiva e, como nova construção, passa a atuar como conector no domínio do contraste. Para essa análise, adotamos como referencial teórico pressupostos de teorias baseadas no uso, como a Linguística Funcional, que defende o estudo da língua nas situações comunicativas reais, bem como os estudos de Bybee (2016) sobre os processos cognitivos de domínio geral aplicados à mudança linguística. Além disso, utilizamos como base para a nossa classificação o disposto em Neves (2000) sobre os valores semânticos do conector prototípico de contraste, o *mas*. Sendo assim, nosso *corpus* é formado por entrevistas transcritas do programa de Tv Roda Viva, disponíveis em www.rodaviva.fapesp.br. Nossos resultados identificam sete padrões distintos de valor semântico para a construção, aqui chamados de tipos, classificados de 1 a 7. São eles: contraste por oposição; contraste parcial; contraste com eliminação do trecho anterior; contraste negando inferência; contraste em direção independente; contraste marcando compensação e focalização de aspecto negativo, sem relação de contraste.

PALAVRAS-CHAVE: Construção, contraste, conector.

Com base na Linguística Funcional, com contribuições da abordagem construcional da gramática, o objetivo deste trabalho é identificar os novos valores semânticos assumidos pela construção *acontece que* no português brasileiro contemporâneo.

A construção, que atua como conector que realiza conexões contrastivas entre enunciados, é resultado de processo de construcionalização gramatical (Traugott & Trousdale, 2013). Por meio desse processo, *acontece* e *que*, através de implicaturas conversacionais, passam a exercer funções que até então não desempenhavam, apresentando, assim, sentidos que vão muito além da noção original de acontecimento. Desse modo, nosso objetivo é identificar de que forma a construção *acontece que* relaciona enunciados e quais são as especificações semânticas que a construção pode assumir para estabelecer essas conexões.

Para realizar essa verificação, assumimos a noção de que um novo membro de uma dada categoria adquire algumas características de seu membro exemplar, isto é, do seu membro mais frequente (Bybee; Eddington, 2006, *apud* Bybee, 2016). Nesse sentido, o *acontece que* é um novo membro da categoria dos conectores de contraste e, por estar à margem, tende a assumir determinados aspectos do protótipo dessa categoria, o *mas*.

Além disso, assumimos também que o *acontece que* pode ter adquirido características do *mas* pelo fato de que a construção aparece em uma quantidade significativa de dados precedida pela conjunção¹. Dessa forma, a absorção de significado de *mas* pelo *acontece que* pode ter ocorrido a partir do contexto (cf. Bybee, 2016, p. 274).

Na próxima seção, apresentamos de forma breve alguns conceitos relativos às construções e às mudanças linguísticas, bem como alguns processos cognitivos de domínio geral que contribuem para o entendimento de como surgem novas construções. Abordaremos também a relação de desigualdade em enunciados contrastivos, com base em Neves (2010).

Em seguida, por meio da análise de dados, identificaremos os sete tipos de uso em termos semânticos da construção. São eles: contraste por oposição; contraste parcial;

¹ Em um total de 50 dados, a sequência “mas acontece que” aparece em 7 ocorrências.

contraste com eliminação do trecho anterior; contraste negando inferência; contraste em direção independente; contraste marcando compensação e focalização de aspecto negativo sem relação de contraste.

Por fim, nas considerações finais, retomamos os resultados obtidos e apresentamos os encaminhamentos desta pesquisa, ressaltando a necessidade de ampliação do estudo sobre a construção e sobre o uso da língua em situações reais de uso.

O surgimento de novas construções

A gramática é a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua e, por essa razão, interações comunicativas podem afetá-la. Segundo a perspectiva funcional, gramática e uso se influenciam mutuamente, acarretando, assim, em mudanças no sistema, o que permite a convivência de padrões regulares e formas emergentes.

Meillet (1948 *apud* SILVA, 2015) aponta que o que motiva essa emergência é a busca dos falantes por expressividade. Dessa forma, é a criatividade do usuário da língua, com a finalidade de atingir seu propósito comunicativo, que resulta em inovação. É a partir dessa inovação, por meio de micropassos sucessivos, que se estabelece a criação de uma nova construção no sistema linguístico (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Sendo a língua um inventário de construções organizadas de forma hierárquica e tomando a construção como um pareamento convencional e simbólico de forma e significado (CROFT, 2001), construcionalização é, conforme aponta Traugott & Trousdale (2013), a criação de um novo nó no inventário de construções, isto é, a criação de um pareamento de nova forma e novo significado.

Bybee (2016) indica que essas criações de pareamentos de novas formas e novos significados podem ser derivadas de processos cognitivos não específicos da linguagem, mas de domínio geral. Em seus estudos, a autora postula sobre cinco deles: memória enriquecida, *chunking*, categorização, analogia e associação transmodal. Neste artigo, interessa-nos principalmente os processos de *chunking* e categorização.

O *chunking* contribui para a organização geral da memória (BYBEE, 2016). Na linguagem, colabora na formação de sequências linguísticas. Assim, sequências repetidas de palavras são cognitivamente percebidas como uma só unidade e, desse modo, podem ser mais facilmente acessadas na mente, o que indica que a repetição é a experiência que aciona o mecanismo de *chunking*.

O processo é, assim, responsável pela formação e uso de construções complexas. “Construções são *chunks* linguísticos sequenciais convencionalmente usados juntos e que, às vezes, tem significados especiais ou outras propriedades” (BYBEE, 2016, p. 68). Ao possuir alta frequência, o *chunk* se torna autônomo e, a partir dessa autonomia, mudanças pragmáticas, semânticas e formais, como perda de analisabilidade e composicionalidade, podem ocorrer.

Tais mudanças podem levar à criação de uma nova construção, o que nos remete ao postulado de que o *chunking* é responsável pelo surgimento das construções, juntamente com o processo de categorização (BYBEE, 2016).

Quando palavras ou sintagmas são reconhecidos e associados a representações estocadas em nossa mente ocorre o processo de *categorização*. Por meio dela, nossa memória é mapeada em representações por exemplares. Assim, novas construções são organizadas em categorias já existentes e, a partir da experiência, novas categorias também são criadas.

Nesse sentido, uma dada construção é inserida em uma categoria quando possui características que se assemelham ao seu membro central, que, em geral, é o mais frequente por ser o mais facilmente acessado. Assim, o processo de categorização de uma dada construção se dará por relação de semelhança com o membro exemplar. No entanto, cabe ressaltar que existe a possibilidade, ainda que menor, de uma construção ser categorizada “por similaridade a um membro de menor frequência se houver maior similaridade a esse membro menos frequente” (FRISCH et al., 2001 *apud* BYBEE, 2016, p. 133).

Além dos processos cognitivos de domínio geral, Bybee (2016) cita a importância do reforço pragmático (inferência pragmática) e da absorção de significado a partir do contexto para a mudança semântica na língua. Pelo reforço pragmático, novos significados se tornam associados a uma construção por meio de implicaturas convencionalizadas; já pela absorção de significado a partir do contexto, uma dada construção absorve um significado que até então não possuía a partir de uma outra construção que coocorre com ela.

De modo sucinto, podemos dizer que a construção *acontece que* é resultado do *chunking* entre *acontece* e *que*, somado ao processo de categorização da construção na categoria dos conectores de contraste.

Em adição, por meio de inferências pragmáticas convencionalizadas, estocamos em nossa memória o uso da construção para indicar aspectos negativos e realizar operações de contraste. Além disso, por meio da absorção do significado a partir do contexto, já que a construção aparece em muitos dados precedida pelo *mas*, o *acontece que* assume para si alguns valores semânticos da conjunção que, por sua vez, é também o membro exemplar da categoria dos conectores de contraste.

A desigualdade e a quebra de expectativa

Com a finalidade de demonstrar como a construção *acontece que* realiza operações de contraste entre enunciados, apresentaremos mais à frente, na seção de análise, uma classificação em relação às especificações de valor semântico, com base no que é proposto em Neves (2000) em relação ao protótipo da categoria dos conectores de contraste, o *mas*.

Considerando o que diz Neves (2010) a respeito da conjunção, estabelecemos uma analogia com o *acontece que* que, como conector, realiza operações no nível do contraste e da oposição, estabelecendo relação de desigualdade entre os enunciados que conecta. Assim, também colabora para a organização da informação e para a estruturação da argumentação.

Essa relação de desigualdade vem acompanhada por uma noção de quebra de expectativa. Dessa forma, “o que é dito no segundo termo contraria as expectativas geradas no primeiro” (CASTILHO, 2010). A quebra de expectativa, base fundamental nas relações de contraste, é resultado da orientação argumentativa que um determinado falante dá ao seu discurso (DUCROT, 1987, *apud* LONGHIN, 2003). Isso significa que um usuário da língua faz uso da gramática para seus propósitos comunicativos, incluindo o argumentativo e, assim, opta por elementos linguísticos que colaboram na construção de sentido pretendida. É o que acontece no caso do *mas*, que Ducrot chama de operador argumentativo por excelência, e também no caso de *acontece que*.

METODOLOGIA

Como já mencionado, a análise a seguir tem como base a classificação de valores semânticos proposta em Neves (2000), elaborada a fim de classificar os usos do membro exemplar da categoria dos conectores de contraste, o *mas*. Cabe destacar que a proposta da autora foi adaptada neste trabalho em função do que foi observado na análise dos dados.

Nosso *corpus* é composto por dados retirados do site Memória Roda Viva², que disponibiliza, na íntegra, transcrições de entrevistas realizadas no programa de TV Roda Viva, exibido pela TV Cultura, desde 1986. O método de análise é o qualitativo, entretanto, para fins quantitativos, cabe mencionar que das 713 entrevistas disponíveis, optamos por utilizar 50 ocorrências, encontradas nas entrevistas mais recentes com pessoas do ramo da política³.

No que tange às ocorrências, cabe apontar que três dados precisaram ser desconsiderados, uma vez que não são passíveis de análise em função do próprio contexto comunicativo em que se inserem, como modo muito particular e específico de fala de um indivíduo ou por interrupções por parte de um dos interlocutores, que não permitiram o desenvolvimento da elocução.

Como resultado, identificamos um total de sete tipos distintos de função semântica para a construção. Vejamos o quadro abaixo:

VALORES SEMÂNTICOS DE <i>ACONTECE QUE</i>			
TIPOS		TD	PORCENTAGEM
Tipo 1	Contraste por oposição		16%
Tipo 2	Contraste parcial		16%
Tipo 3	Contraste com eliminação do trecho anterior		18%

² Memória Roda Viva. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/>

³ Foram consideradas todas as entrevistas feitas com pessoas que já exerceram a função de agente político nos governos de todas as esferas da Administração Pública, desde presidentes da República a secretários municipais.

Tipo 4	Contraste negando inferência		14%
Tipo 5	Contraste em direção independente		14%
Tipo 6	Contraste marcando compensação		8%
Tipo 7	Foco de aspecto negativo		8%
Dados desconsiderados			6%
TOTAL		0	100%

Tabela 1 - Tipos semânticos encontrados de "acontece que"

As especificações do valor semântico de *acontece que*

Na sequência, apresentamos os sete tipos principais de valor semântico para a construção *acontece que* encontrados. São eles: contraste por oposição; contraste parcial; contraste com eliminação do trecho anterior; contraste negando inferência; contraste em direção independente; contraste marcando compensação e focalização de aspecto negativo, sem relação de contraste.

Tipo 1: Contraste por oposição

Há em nosso *corpus* oito dados que se encaixam na classificação de contraste por oposição. Essa oposição pode ser tanto de ideias quanto de elementos que aparecem no enunciado com trechos ligados pela construção.

Nesta classificação, englobamos aquilo que Neves chama de “contraposição em direção oposta marcando contraste” (2000, p. 757). Nessa acepção, a autora aponta que há oposição entre expressões de significado contrário. Vejamos o exemplo abaixo:

(1) Alberto Goldman: (...) Muitos companheiros perderam a eleição porque muitos perderam milhares e milhares de votos. Isso estava tudo engasgado. **Acontece que**, infelizmente, nesse segundo turno, parece que essa coisa explodiu, emergiu toda. Tanto é que eu, até para não me indispor com meus companheiros, fui embora da reunião porque senti que não tinha racionalidade para conseguir discutir. Então, responsabilidade também da nossa parte.

No trecho acima, Alberto Goldman cita um episódio em que muitos companheiros seus de partido político perderam a eleição e coloca a situação como algo que estava *engasgado*. Na sequência, na sentença introduzida pela construção *acontece que*, o político aponta que essa situação, até então *engasgada*, *explodiu* e *emergiu*. Explodir e emergir não são verbos diretamente antônimos a engasgar. No entanto, pragmaticamente, e considerando o sentido pretendido pelo falante, há oposição entre as palavras e, ainda, mais especificamente, entre as ideias pretendidas pelo uso delas: o que está engasgado está preso, está no campo do não-dito e, conseqüentemente, não está sendo trazido à tona – ideias exatamente opostas às expostas no trecho introduzido pela construção.

Nesse dado, a construção *acontece que* ainda aparece acompanhada do advérbio *infelizmente*, que colabora com a ideia de contraste do trecho. Ele categoriza como negativo o que está sendo colocado, criando assim mais noção de oposição: entre positivo e negativo.

Tipo 2: Contraste parcial

O contraste parcial, assim como o por oposição, também possui oito ocorrências em nosso *corpus* de análise. Tomamos por contraste parcial aquilo que Neves (2000) considera uma contraposição em direção oposta que restringe, por acréscimo de informação, o que acaba de ser enunciado. De acordo com a autora, essa restrição “pode significar uma exclusão parcial, estando expressos, por vezes, indicadores de negação, privação, insuficiência” (NEVES, 2000, p. 761).

(2) Julio Abramczyk: Doutor Adib, o senhor falou em equipamentos e há um paradoxo dentro da medicina, que quanto mais ela avança tecnologicamente mais cara ela fica. Mas é o único lugar onde o avanço tecnológico encarece o custo final do produto. Por exemplo, os computadores, melhoraram, baixaram de preço, o equipamento de TV melhorou e baixou o preço, os próprios televisores das residências melhoraram muito e mesmo assim baixaram de preço. Por que na medicina os equipamentos melhoram e encarecem?

Adib Jatene: Não, na verdade eles também baixam de preço. **Acontece que** eles não têm a economia de escala, você citou vários exemplos que é economia de escala, são grandes volumes.

O exemplo (2) trata do elevado preço dos equipamentos utilizados na medicina. O entrevistado argumenta em sua resposta ao entrevistador que esses equipamentos baixam de preço, assim como os outros citados. Entretanto, Adib Jatene menciona, no trecho introduzido por *acontece que*, que diferentemente dos demais equipamentos tecnológicos, os utilizados na medicina não possuem economia de escala, o que impacta diretamente nos preços.

Nesse sentido, a sentença introduzida pela construção não nega completamente o que foi dito antes (“eles também baixam de preço”) e também não se opõe: ela contrasta parcialmente a informação, acrescentando uma informação importante que influencia de modo significativo a queda ou o aumento de preços de certos produtos.

Assim, Jatene utiliza a estratégia de fazer um comentário geral (“eles também baixam de preço”) e utiliza o *acontece que* para apontar para um detalhe, que funciona no trecho como um empecilho ou uma ressalva para que os preços baixem substancialmente. Assim, ao introduzir ressalva, há o estabelecimento de relação que parte do geral para o específico.

Tipo 3: Contraste com eliminação do trecho anterior

Este terceiro tipo de contraste é o que podemos chamar de negação total do que foi dito anteriormente. São nove as ocorrências desse tipo em nosso *corpus* de pesquisa. De acordo com Neves (2000), essa eliminação pode ser tanto suposta quanto expressa.

(3) Carlos Arthur Nuzman: Eu levei muitos anos falando em incentivo fiscal, Gustavo, e até nós conversamos muito sobre isso, de que o incentivo fiscal era

fundamental. O esporte foi o único segmento da sociedade que até hoje não teve nenhum benefício fiscal; todos os demais tiveram. E o mundo inteiro fala que o esporte e a cultura representam a base do olimpismo. A própria definição de olimpismo do presidente Samaranch, presidente do Comitê Olímpico Internacional, é essa: olimpismo é a integração do esporte, da educação e da cultura. **Acontece que** nós sempre tivemos pedidos de não lutarmos por isso, por questões de ordem, seja financeira, seja política. Mas eu sempre mantive, sempre falei sobre isso, independente que as opiniões fossem contrárias.

No trecho acima, temos uma eliminação suposta. O então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, discorre sobre a importância de incentivo fiscal para o esporte. Ele usa uma série de elementos para fortalecer a sua posição como um entusiasta da ideia, inclusive um argumento de autoridade, ao citar o presidente do Comitê Olímpico Internacional à época. E então, com um abrupto rompimento na sequência argumentativa a favor do incentivo fiscal, o entrevistado traz uma forte quebra de expectativa ao utilizar a construção *acontece que* para introduzir uma justificativa que anula pragmaticamente tudo o que foi dito antes.

Ao colocar que “sempre houve pedidos de não lutarmos por isso”, Nuzman revela que não importa quão relevante e quão defendido seja o incentivo fiscal por sua parte ou por pessoas até mais importantes: fatores de ordem política e financeira anulam qualquer possibilidade de essa iniciativa ocorrer. Dessa forma, o *acontece que* funciona como uma espécie de ruptura no texto, em que ele deixa de apresentar os muitos lados positivos da situação e focaliza em apenas um aspecto negativo, mas que faz toda a diferença para o resultado final da ação.

É interessante destacar também como, a partir do seu propósito comunicativo e da necessidade de defender sua face, o entrevistado constrói sua argumentação buscando demonstrar o quanto ele é a favor do tópico abordado, sendo o discurso moldado para o foco recair num empecilho que tem como polo ativo um outro agente que não é mencionado. Assim também percebemos de que modo se constrói o sentido de contraste na argumentação, baseado na noção de que cada enunciado possui um peso e um deles irá se sobressair.

Em relação ao contraste com eliminação, o dado abaixo representa de forma mais direta o fenômeno, ocorrendo de forma expressa:

(4) **Luciano Suassuna:** (...) Nenhum juiz iria condená-los por causa desse furto famélico, uma expressão assim.

Milton Seligman: *Acontece que* não é furto famélico que nós estamos vendo no caso nordestino (...).

No exemplo, o entrevistador Luciano Suassuna fala sobre furtos realizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) à época da entrevista que estavam sendo considerados como furtos famélicos, isto é, furtos de alimento para sustento próprio. O entrevistado, por sua vez, que era presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), contesta imediatamente a fala de Suassuna, negando que aquela situação fosse de furto famélico.

Milton Seligman utiliza o *acontece que* para negar completamente a fala do entrevistador, sendo ele reforçado, inclusive, pelo advérbio de negação prototípico, o *não*, e a repetição exata da expressão utilizada (*furto famélico*), para não gerar dúvida alguma sobre seu ponto de vista. Dessa forma, a negação do trecho anterior é direta e expressa.

Tipo 4: Contraste negando inferência

A inferência está relacionada ao que se pode depreender do contexto do que está sendo dito como um todo, mas que não está plenamente expresso linguisticamente. Assim, um contraste que nega uma inferência é uma estratégia que visa eliminar, assim como o tipo anterior, o que foi dito previamente. No entanto, essa eliminação não é direta e explícita, uma vez que a ressalva introduzida pelo *acontece que* tem relação com o que se depreende do enunciado anterior e não do que foi dito palavra por palavra.

Vejamos o trecho a seguir:

(5) **Jorge Bornhausen:** Quando a CUT disse: "Eu faço greve.", enquanto as universidades dizem "Faço greve.", o PL-9 saiu da pauta que já estava em votação. Então **acontece que** o PL-9 é a grande transformação. Por quê? Porque

ele muda a situação dos fundos estatais, tira do benefício definido para a contribuição definida, deixa de formar esse esqueleto. O PT não teve coragem de enfrentar a reforma da Previdência no início.

No exemplo (6), o então senador Jorge Bornhausen fala sobre a reação negativa de algumas parcelas da população em relação a mudanças na previdência. O fato de o PL-9 ter saído da pauta de votação porque alguns setores da sociedade ameaçaram fazer greve nos leva a crer de que o PL-9 não era uma boa ideia. Isso é o que inferimos ao ler o trecho anterior ao aparecimento da construção *acontece que*.

Entretanto, na sequência, o político diz que “o PL-9 é a grande transformação”. Essa oração, por sua vez, nega totalmente a inferência de que o PL-9 era ruim. Se ele é a grande transformação, significa que é algo bom e que traria consequências substancialmente positivas.

Sendo assim, a negação de inferência por meio da construção representa sete do total de 50 dados analisados do *corpus*.

Tipo 5: Contraste em direção independente

O nosso quinto tipo de valor semântico para o *acontece que* é o contraste em direção independente. Isso acontece quando o argumento inserido pela construção é algo ainda não considerado no discurso e, além disso, tem peso maior do que o que já foi considerado anteriormente.

Desse modo, a relação de contraste aqui estabelecida não é de mera oposição ao que já foi dito, mas de acréscimo de informação nova que aponta para um novo caminho na argumentação. Em nosso *corpus*, são sete os dados que apresentam esse tipo de contraste.

(6) Paulo Markun: E ainda assim dá a impressão de que os setores que são contra a reforma da Previdência, corporações, magistrados, parte do funcionalismo, estão muito mais ativos e atuantes do que supostamente a grande maioria, que deve ser a favor da reforma. O senhor não acha?

José Alencar: Não, tudo bem, mas **acontece que** a reforma é posta como assinatura dos 27 governadores, eles todos estão precisando dessa reforma.

Todo o trecho anterior trata da questão da reforma da previdência, ainda no ano de 2003. Ao longo da entrevista, o ex-vice-presidente da República, José Alencar, deixa claro seu posicionamento a favor da reforma da previdência e a descreve como algo que irá melhorar o país. Paulo Markun, entrevistador do programa, por sua vez, alfineta o ex-vice-presidente ao mencionar que alguns setores da sociedade estão mais atuantes contra a reforma do que a suposta maioria que seria a favor. José Alencar, ao responder, em uma tentativa de mudar o subtópico do assunto, introduz o *acontece que*, antecedido por um *mas* e por um *não*, pontuando que a reforma é uma necessidade de todos os governadores do Brasil.

Interessante notar como o político, para fazer valer sua posição e defender a reforma da previdência, responde um “não, tudo bem”, em que admite que os setores contra a reforma realmente estão mais ativos no debate. Porém, na sequência, se utiliza do *mas acontece que* para destacar e reforçar que, na verdade, não importa que há pessoas contra a reforma, o que importa é que todos os governadores são a favor, como tentativa de equilibrar as contas dos estados brasileiros.

Assim, José Alencar escolhe como argumento superior e, portanto, mais relevante, a posição dos governadores sobre a de partes da população. Cabe destacar que ele se utiliza do *acontece que* aliado ao *mas*, isto é, dois operadores de contraste, o que reforça ainda mais o argumento subsequente, focalizando-o.

Tipo 6: Contraste marcando compensação

A realização de contraste que marca compensação é uma espécie de contraste parcial, mas com suas especificidades e, por isso, merece ser classificada separadamente. Ela ocorre quando o argumento introduzido pela construção traz uma informação que compensa, tanto para o bem quanto para o mal, um ponto específico citado anteriormente.

Dessa forma, realiza-se uma oposição parcial entre ambos os argumentos, em que não há eliminação do primeiro enunciado, mas sim uma ponderação sobre um determinado aspecto. Em nosso *corpus*, há quatro ocorrências desse tipo.

(7) **Luiz Carlos Bresser Pereira:** (...) Eu, recentemente, fiz um estudo sobre o gasto social no Brasil, e se nós examinarmos o que aconteceu no Brasil nos últimos 25 anos – eu sempre pego 25 anos, porque a partir de 1980 começou a crise - nós vemos que, em termos de renda per capita, cresceu pouquíssimo, cresceu 8% a renda per capita. Nos anos 1970 crescia 8% em dois, máximo três anos. Agora, vinte anos entre 1980 e 2000, 8%. Aí, eu me perguntei: mas, ao mesmo tempo, **acontece que** os índices sociais no Brasil melhoraram muito. O analfabetismo caiu de 31% para 15% da população. A mortalidade infantil caiu de trinta por mil, para 16 por mil. E a esperança de vida aumentou oito anos.

Como podemos ver no trecho acima, Bresser Pereira inicialmente mostra que a renda per capita no Brasil cresceu muito menos do que deveria nos últimos 25 anos. Esse dado poderia ter resultado em problemas de todas as ordens no país, porque indica que economicamente o país não se desenvolveu tanto. No entanto, o ex-ministro, na sentença introduzida pela construção, aponta que, em contrapartida, os índices sociais melhoraram muito. Esse acontecimento, considerando o trecho imediatamente anterior, é inesperado, porém excelente. Nesse sentido, o *acontece que*, que nesse exemplo é precedido pelo *mas*, é utilizado para introduzir uma ressalva de aspecto positivo.

É preciso destacar que essa configuração de uso, apontando para aspecto positivo, é diferente do que identificamos predominantemente em nosso *corpus*. De modo geral, o *acontece que* é utilizado para introduzir noção de contraste por ressalva negativa em relação ao exposto anteriormente. Portanto, cabe destacar a particularidade desse dado que pode vir a indicar o começo de mais uma mudança no uso pragmático da construção.

Tipo 7: “Focalização” de aspecto negativo sem relação de contraste

Como dito na seção anterior, a função predominante da construção *acontece que* no português contemporâneo é realizar operações de contraste entre enunciados, geralmente focalizando aspecto negativo em relação ao trecho anterior.

Nesta seção, apresentamos o que classificamos como o sétimo tipo de valor semântico da construção. São dados em que não há uma relação de contraste expressa estabelecida entre os trechos, mas há focalização de aspecto negativo em relação ao todo no trecho subsequente à construção. São quatro os dados que se encaixam nesse padrão.

(8) **Nelson Jobim:** (...) acham que o voto obrigatório faz com que... E não se dão conta que o eleitor não voluntário é o eleitor que vota por qualquer circunstância, é aquele que sendo não voluntário sabe que a sua decisão e o seu voto não é uma manifestação de consciência, é um ato do cumprimento de um dever, cujo conteúdo é livre.

Roseli Tardeli: Deputado.

Nelson Jobim: E aí o que é que acontece? **Acontece que** ele vota de qualquer jeito. Ele vota para o primeiro sujeito que aparece. Ele vota porque o sujeito no programa de televisão...

No trecho (8), temos a construção *acontece que* aparecendo imediatamente após à pergunta retórica elaborada com o verbo acontecer, como estratégia de convencimento do interlocutor.

Observando com atenção, notamos que não há no trecho relação de oposição, contraste, negação, contrajunção ou concessão. A relação apresentada, inclusive, diz mais respeito à noção de causa e consequência. No entanto, o *acontece que* aponta e dá ênfase a aspecto negativo, que colabora no reforço da argumentação. Desse modo, Nelson Jobim se utiliza da construção para contribuir com a sua posição avessa ao voto obrigatório, introduzindo e dando força ao argumento de que, com essa obrigatoriedade, alguns eleitores votam sem consciência política, prejudicando de modo geral o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos identificar de que modo a construção *acontece que* é utilizada no português contemporâneo para estabelecer relações de contraste entre enunciados.

Como base teórica, apresentamos noções sobre o surgimento de novas construções na língua, indicamos a importância de processos cognitivos de domínio geral estudados por Bybee (2016) em relação à mudança linguística, e abordamos a proposta de Neves (2010) sobre as relações de contraste e desigualdade na língua, utilizando a classificação de valores semânticos da autora para a conjunção *mas* como base para nossa análise.

É necessário atentar para o fato de que, dos sete tipos identificados, isto é, do total de 50 dados analisados, 43 dados estabelecem uma relação de contraste entre sentenças, o que comprova a nova função da construção, bem como reforça a teoria de que um novo membro de uma dada categoria, ainda que periférico, tende a assimilar algumas características do seu membro exemplar, como ocorre neste caso, em que o *acontece que* assume determinadas funções de contraste do *mas*.

Cabe destacar que não se pode afirmar que os usos da construção *acontece que* se limitam aos padrões semânticos encontrados em nosso *corpus*, uma vez que, além de este ser limitado, a língua é dinâmica, permitindo que novos usos surjam a todo momento. Além disso, o limite entre cada um dos tipos é difuso, havendo um ou mais casos que poderiam se enquadrar em mais de uma classificação.

Por fim, considerando que a pesquisa sobre a construção *acontece que* ainda está em desenvolvimento, nossos próximos passos são o refinamento da fundamentação teórica no que diz respeito à abordagem construcional da gramática, em uma perspectiva baseada no uso, e o aprofundamento dos estudos quanto aos valores polissêmicos da construção.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução por Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, Kristin et al. *Grammaticalization and language change: new reflections*. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

LONGHIN, S.R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2003.

NEVES, M.H.M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2010.

SILVA, A.F. *A construcionalização gramatical de "foi quando" como conector*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.